

DISFLUÊNCIAS E ESTRUTURA PROSÓDICA NA FALA ADULTA E INFANTIL¹

Ester M. Scarpa²

RESUMO: Tradicionalmente, o conceito de fluência tem sido descrito através de sua contraparte negativa, a disfluência; esta tem sido considerada o termo marcado, desviante e problemático da sua face ideal, a fluência. Mais recentemente, a literatura tem negado o caráter desviante da disfluência, interpretando a fluência e a disfluência de forma integrada e complementar. Trabalhos acústicos experimentais indicam que traços de disfluência aparecem em ciclos periódicos da fala e são constitutivos da dinâmica da fala e necessários para a fluência. Outros trabalhos, porém, sugerem um viés de dispersão e aleatoriedade linguística sistemática aos dados de disfluência, que estariam sujeitos à deriva e imprevisibilidade. Esta apresentação visa mostrar as tendências de ocorrência de disfluências (repetições hesitativas e alongamentos vocálicos não-enfáticos) no interior dos domínios prosódicos do enunciado, comparando a fala adulta com a infantil. Foram analisados dados de um trecho de fala espontânea e os resultados mostram que, na fala adulta, os episódios de fala disfluenta obedecem princípios regrados e hierárquicos de domínios prosódicos, complementando, assim, as pesquisas acústicas sobre traços de hesitação e mecânica da fala e afirmando o caráter linguístico e de interface desses fenômenos. Na fala da criança (por volta de 2;0 a 3;0), os princípios gerais da hesitação adulta, em termos de tendências à estruturação prosódica, começam a se delinear, e têm a ver com a organização prosódica dos enunciados longos e pouco familiares. Conclui-se que trechos hesitativos fazem parte da dinâmica da fala e da elaboração do texto oral. Sua ocorrência, na fala do adulto, bem como na da criança, pode ser imprevisível discursivamente, embora cíclica; porém, quando ocorrem, as disfluências não são aleatórias prosodicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Fluência/ disfluência; hierarquia prosódica; hesitações repetitivas; fala adulta e fala infantil.

ABSTRACT: Traditionally the concept of fluency has been described through its negative counterpart, the disfluency; this has been the marked, deviant and problematic term of its ideal face, the fluency. More recently the literature has denied the deviant nature of disfluency, by interpreting both terms in an integrated and complementary way. Experimental acoustic work shows that features of disfluency appear in periodic speech cycles and are part of the speech dynamics and thus necessary to fluency. Other work, however, suggests that disfluency shows dispersion and is somehow random –biased from the linguistic point of view. Disfluency would be prone to drift and unpredictability. This presentation aims to show the tendency of occurrence of disfluencies (hesitative repetitions and non-emphatic vowel lengthening) within the prosodic domains of the utterance, by comparing adult and child speech. A corpus of spontaneous speech was analysed and the results show that, in adult speech, episodes of disfluent speech obey ordered and hierarchical principles of prosodic domains, thus complementing acoustic research about features of hesitation and mechanics of

1. Este é o texto original que foi apresentado por ocasião do IX Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem / III Encontro Internacional de Aquisição da Linguagem, na Universidade Federal da Paraíba, que ocorreu em outubro de 2013. Uma versão preliminar deste artigo foi publicada em Scarpa (2014).

² Professora Titular da Universidade Estadual de Campinas/Universidade Federal da Fronteira Sul. ester.scarpa@gmail.com

speech and attesting to the linguistic and interface character of this phenomena. In the speech of a child (2;0 to 3;0), the general principles of adult hesitation - tendencies to prosodic structuring- start to get outlined, and have to do with the organization of long or unfamiliar utterances.

KEYWORDS. Fluency/disfluency; prosodic hierarchy; repetitive hesitations; adult and child speech.

1. Conceitos e interpretações

É rara, na literatura, uma definição inquestionável do que seja fluência e sua contraparte, disfluência. A postura mais utilizada quando da definição da fluência, quer seja elaborada por linguistas, psicolinguistas ou fonoaudiólogos, é o caminho de sua negativa, como se vê em SCARPA (1995) e SCARPA (2006). De fato,

a definição pela negativa explica parcialmente o fato de que a grande concentração de trabalhos ou reflexão sobre a fluência se encontra, na verdade, no campo de estudo dos distúrbios e da terapia da fala. Os fonoaudiólogos e foniatras se interessam pela gagueira- ou pelos "distúrbios de fluência" - isto é, pelos casos em que o centro do interesse do investigador é exatamente explorar as causas e características da face desviante (ou "patológica", com todo o peso que este termo envolve) da disfluência, o oposto radical do termo neutro e ideal da fluência. (Scarpa, 2006, pag. 164)

Outra afirmação intrigante na área, que revela a dificuldade de se lidar com este tópico, é a de que a fluência parece ser um fenômeno "de fácil compreensão", mas cuja noção é resistente a uma definição "direta e não-ambígua" (FINN & INGHAM, 1991).

Os dois termos têm sido vistos como opostos e conflitantes. *Fluência* é o termo não marcado e ideal da fala. Já *disfluência* tem sido visto como o termo marcado, que implica problemas de elaboração ou processamento (planejamento), normalmente de memória, de acesso lexical. Em outras palavras, tem sido visto como indicativo de dificuldade linguística ou psicolinguística. Seria a contraparte desviante, marginal, descartável, excessiva, errônea, problemática e imperfeita da fluência. Metodologicamente, não raro, os dados indicativos de disfluência têm sido descartados na análise de dados linguísticos, mesmo em pesquisas naturalísticas, em coletas de dados espontâneos.

As marcas de disfluência geralmente consideradas na literatura são, de maneira geral, as seguintes; hesitações, pausas, falsos começos, interrupções do fluxo da fala, repetições (sílabas, palavras, frases), autocorreções, ralentamento do fluxo informacional, digressões tópicas, inserções.

Os resultados a que tenho chegado (SCARPA, 1995; 2006; 2014; SCARPA & FERNANDES-SVARTMAN, 2012) indicam que a tendência a maior fluência e maior "estabilidade" encontram-se em partes cristalizadas, ensaiadas, fossilizadas, congeladas do enunciado. Isto é, textos lidos, ensaiados, treinados, objetivados. A fluência falada, na verdade, é um ideal da escrita. Fluência é uma abstração metodológica, baseada na leitura ensaiada ou "profissional" de um texto escrito ou em textos orais decorados e ensaiados. Aparentemente, o falante e o ouvinte tendem a abstrair e ignorar, nas práticas languageiras orais, os trechos disfluentes da fala. O sujeito fluente é abstrato e integra-se em algum estilo de fala ou de comportamento social. É com esta abstração ou esta ilusão – muitas vezes necessária, em termos de recorte epistemológico – que se tem trabalhado em Linguística.

Mais recentemente a literatura tem negado o caráter desviante da disfluência, interpretando a fluência e a disfluência de forma integrada, complementar e até mesmo necessária (SCARPA & NOVAES-PINTO, 2012; SCARPA, 2014). O propósito desses estudiosos é estabelecer uma definição positiva do que é fala fluente e não considerá-la apenas *default* e um modelo de fala neutra para fins de pesquisa acadêmica. O desafio que esses trabalhos enfrentam é abordar os dois conceitos como faces da mesma moeda, e, como resultado, explicitar as condições de distribuição entre fluência e disfluência.

Retomando Scarpa, (2006; 2014), há algumas abordagens que se colocam nessa posição, aquelas baseadas em interpretações do fenômeno sob o prisma da Fonética, da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

Os foneticistas foram os pioneiros em ver fluência e disfluência como dois lados de uma mesma moeda, já que sua atenção se volta à natureza da dinâmica da fala. Dentro dessa perspectiva, o raciocínio é que a dicotomia fluência/disfluência é uma falsa dicotomia. Traços tradicionalmente considerados marca de disfluência não só não são a contraparte desviante e marginal da fluência, como também existem para garantir o fluir da fala. LINDBLOM (1990, 1993) afirma que os processos constitutivos da dinâmica da fala geram tanto a fluência quanto a disfluência. Tal dinâmica é guiada por restrições geradas por tensão (equilíbrio) entre o princípio de contraste perceptual e o princípio da simplificação articulatória. O jogo entre essas restrições é que geram alternadamente fluência e disfluência. Mais recentemente, MERLO (2006); MERLO & BARBOSA (2012) descrevem foneticamente as hesitações na fala semi-espontânea através da análise por séries temporais. Mostram que a organização das disfluências é periódica; a hesitação não é um fenômeno aleatório temporalmente, porque suas oscilações se repetem ao longo do tempo. Afirmam sua necessidade para a própria fluência da fala, uma vez que sinalizam decisões do falante sobre o planejamento conceitual e a formulação linguística do texto oral.

A Linguística Textual assevera que a elaboração e planejamento do texto oral consistem parcialmente na própria produção do texto (KOCH & PEREZ, 1996; MARCUSCHI 1999). KOCH & PEREZ (1996) referem-se a dois planos em que as elaborações orais são, à primeira vista, problemáticas para o processamento do texto oral: o plano formal e o plano informacional. No plano formal, arrolam-se hesitações, pausas (preenchidas ou não), interrupções do fluxo de fala, cortes oracionais, repetições de sílaba, falsos começos. São disfluências *online* isto é, acontecem *pari passu* com a hierarquização discursiva. Já no plano informacional, caracterizam-se por desvios da linearidade do fluxo informacional: paráfrases, repetições, retomadas, autocorreções, digressões tópicas, inserções.

Esses dois tipos de "disfluências" interagem. Por exemplo, em formulações altamente fluentes do ponto de vista formal, encontram-se paráfrases e repetições (auto-repetições, no caso de uma elocução formal) que não visam absolutamente a corrigir "problemas" de formulação, mas, pelo contrário, desempenham funções importantes - retóricas, argumentativas, didáticas. Também em textos falados que são diálogos, o desenvolvimento do tópico é todo permeado de retomadas, digressões, repetições do discurso do interlocutor ou de sua própria fala, entre outros fenômenos. A hipótese das autoras é que as disfluências, ao invés de serem problemas de formulação, são, na verdade, constitutivos da fala. São estratégias de que o falante lança mão para a construção do texto oral.

Interpretações baseadas da Análise do Discurso (SCARPA, 1995; 2006) partem do princípio de que fluência e disfluência indicam diferentes relações do sujeito com a língua. As instabilidades fariam transparecer a "língua à deriva" (PÊCHEUX, 1990), segundo a assunção de que a língua é faltosa, incompleta. Assim, está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. Por causa disso, todo

enunciado, toda sequência de enunciados é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

A rigor, não há, em Pêcheux (1990), nada que autorize a noção de a “deriva” ser interpretada como causadora de produções erráticas do sujeito. É, na verdade, uma afirmação pós-estruturalista clássica, à qual se alinha uma das vertentes da Análise do Discurso, de que é um dos teóricos. A interpretação de que marcas de disfluência sejam erros, enganos, ou que estejam “fora da língua” é equivocada. Mas a noção de deriva tem sugerido um viés de dispersão e aleatoriedade linguística sistemática aos dados de disfluência, que estariam sujeitos à imprevisibilidade e, portanto, à aleatoriedade. Ora, tal interpretação pode fazer voltar à visão de fuga do normal e desvio (marcado) das marcas de disfluência.

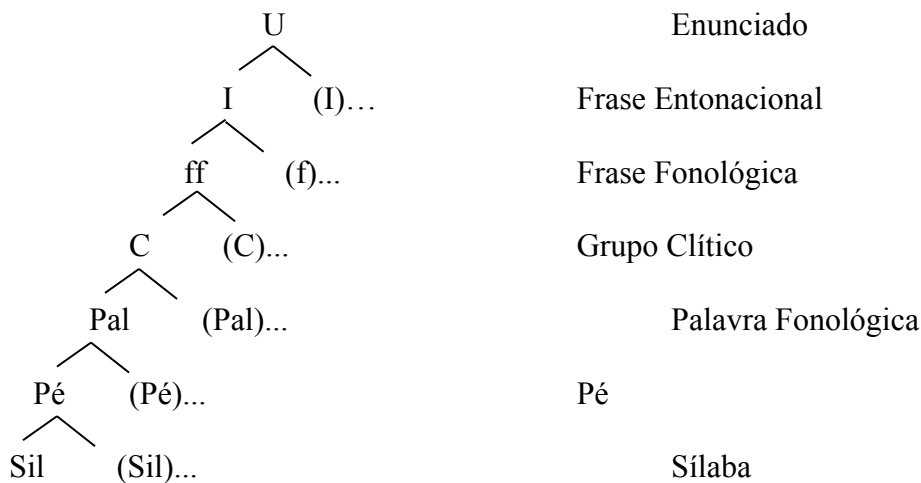
À luz das interpretações mais integradas de fluência/ disfluência, propomos olhar mais de perto as características prosódicas das disfluências na fala infantil. Vamos nos concentrar, neste trabalho, em repetições hesitativas, muito comum na fala das crianças, e que se configuram como parte do que tem sido chamado de “gagueira fisiológica”. Começamos, porém, com considerações sobre a estrutura prosódica das disfluências na fala adulta.

2. Disfluências e prosódia na fala adulta

Temos sempre em vista a seguinte questão: a ocorrência das disfluências é aleatória do ponto de vista prosódico?

Nossa hipótese básica é que não. Na fala adulta, que é exatamente aquela a que a criança está exposta, a tendência de ocorrência das disfluências (prolongamentos, falsos começos, repetições hesitativas) indicam a ocupação de certos espaços da hierarquia prosódica. Em estudo recente, SCARPA & FERNANDES-SVARTMAN (2012) analisando acústica e fonologicamente dados de disfluência (hesitação repetitiva e alongamentos vocálicos não-enfáticos) em textos orais espontâneos mostram que tais fenômenos não são aleatórios prosodicamente e obedecem certos princípios de hierarquia prosódica do enunciado.

A análise foi feita acústica e fonologicamente, com base em princípios que tratam dos domínios prosódicos dentro da teoria da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986). Vejamos primeiro algumas informações sobre a Fonologia Prosódica; para efeito de clareza na exposição sobre a hierarquia prosódica, do enunciado à palavra fonológica, trago aqui o exposto em Scarpa (2014). Segue um quadro esquemático, que prevê 7 níveis prosódicos, de cima para baixo, em que o princípio de exaustividade supõe que o nível imediatamente inferior esteja contido no superior.

Figura 1. Hierarquia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986)

Considere o enunciado fonológico abaixo.

(1) [O moço disse que gosta de torta com calda de abacaxi] U.

Ele é composto por duas frases entonacionais:

(2) [O moço disse] I e

(3) [que gosta de torta com calda de abacaxi] I

As duas frases entonacionais, por sua vez, decompõem-se, respectivamente, em:

(2a) [o moço]f e [disse]f

e

(3a) [que gosta]f, [de torta]f, [com calda]f e [de abacaxi]f.

[o moço], [que gosta], [de torta] [com calda] e [de abacaxi] coincidem igualmente, pelo princípio de exaustividade, com grupo clíticos, compostos por um clítico³ + uma palavra fonológica.

Retomando, eis a representação parentética do enunciado acima:

(1a) [[[[O moço]C]f disse]I [[que⁴ gosta]C]f [[de torta]C]f [[com calda]C]f [[de abacaxi]C]f]I]U.

As sílabas proeminentes (cabeças) das frases fonológicas são portadoras de acento frasal, sendo que se reserva o nome de “acento nuclear”, de cunho melódico, ao acento de frase entonacional. As cabeças das frases fonológicas correspondem às cabeças dos sintagmas sintáticos. Assim, “com calda de abacaxi” tem dois acentos frasais e a sílaba “xi” de “abacaxi” é portadora de acento nuclear.

³ Clíticos são palavras gramaticais ou funcionais (artigos, conjunções, preposições, pronomes) não acentuados, dependentes acentual ou rítmicamente de uma palavra fonológica, que, por sua vez, é lexicalmente (“plenamente”) acentuada.

⁴ A decomposição que fiz pode ser contestada por uma visão que considera “que” fazendo parte do grupo clítico anterior. Essa discussão, porém, está fora dos objetivos deste artigo.

Vejam algumas exemplificações dos resultados da pesquisa de Scarpa & Fernandes-Svartman (2012). Os trechos em **negrito** são os envolvidos em disfluências.

- (4) acontece **coa coa coas palavras da da música** como acontece **com a própria... com a própria música**.
- (5) [?] **a ?a** (falso começo) há quase uma inteligência tátil né **na nas mãos aí ã ?a a mão**_vai ou você erra.
- (6) porque **são são são pa pa**: em primeiro momento **são erros são são são são ...são** ilusões
- (7) como pode criar também **a::: letra de música**.

As autoras mostram que:

- a. as marcas hesitativas e prolongamentos se dão com maior frequência com clíticos prosódicos, como em (4), (5), (7).
- b. não ocorrem nunca no acento nuclear, isto é, na cabeça da frase fonológica ou frase entonacional;
- c. quando a repetição hesitativa não envolve o clítico prosódico, mas a palavra fonológica, esta é sempre não-cabeça de frase fonológica e não-cabeça de frase entonacional, como em (6). “São”, sendo verbo de ligação, apesar de não ser clítico, não é cabeça da frase fonológica (ilusões” é que é a cabeça de f, no caso).

Deste modo, tendem a aparecer mais no início dos domínios prosódicos do que nas sílabas do fim das unidades rítmicas e entonacionais.

Veja, por exemplo, a figura 1 abaixo, com o espectrograma, contorno de F0, camadas de fraseamento prosódico e transcrição tonal do trecho “acontece coa coa coa coas palavras da da música”, segundo Scarpa & Fernandes-Svartman (2012).

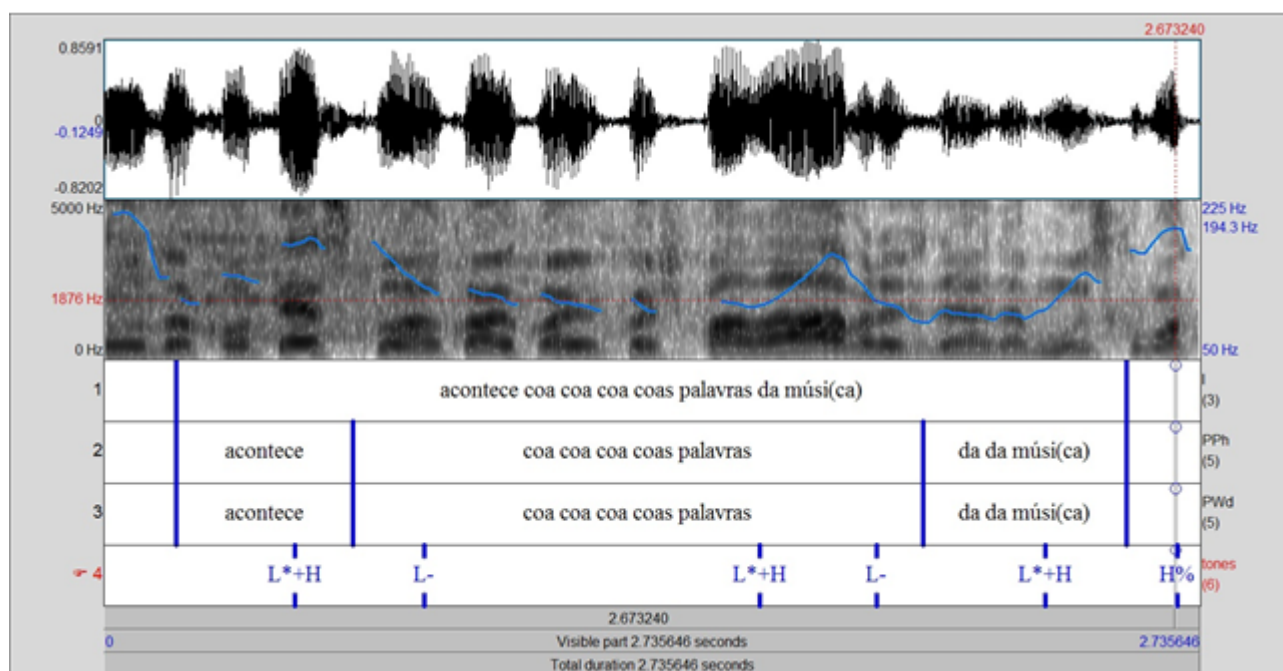


Figura 2 . Forma de onda, espectrograma, contorno de F0 e camadas de fraseamento prosódico e transcrição tonal do trecho “acontece coa coa coa coas palavras da da música” (Scarpa & Fernandes-Svartman, 2012).

3. Disfluências na fala infantil

É muito comum (a rigor, até mesmo parte do senso comum) que a fala das crianças de cerca de 2 anos exibe disfluências em instâncias de enunciados mais longos e mais complexos sintática, semântica e discursivamente (por exemplo, reelaboração de discurso direto para discurso indireto). As disfluências encontradas na fala infantil (a partir de cerca de 2;0 até cerca de 4 anos de idade) seriam, segundo a literatura fonoaudiológica, sintomas de gagueira fisiológica, que desapareceriam com o tempo e o desenvolvimento linguístico. No entanto, mais uma vez reafirmo a hipótese é que as disfluências na fala infantil, às vezes vistas como tão excessivas e mesmo desviantes, não são imunes aos princípios de estruturação prosódica do enunciado.

SCARPA (1995; 2006) nota que as disfluências da fala infantil manifestam-se pelas seguintes marcas:

- falsos começos;
- inserção de sílabas;
- divisão do enunciado em blocos rítmicos;
- variações ou flutuações na velocidade de fala: lentificação em algumas partes e aceleração em outras; o fim do enunciado é mais rápido e menos sujeito a interrupções do que o começo; nota-se que o acento frasal se encontra, normalmente, na porção final do enunciado.
- modificação na duração das vogais e de algumas consonantes.
- variações na qualidade de voz (como a produção de voz rangida, por exemplo).

A fluência encontra-se presente em pares adjacentes ritualizados, enunciados estereotipados, familiares, congelados, muitas vezes em situação de especularidade imediata, em expressões que exibem maior estabilidade.

Características prosódicas da disfluência na fala de R, 1;11.25.

Neste trabalho, concentramo-nos nas hesitações e repetições. O excerto de diálogo, a seguir, é a transcrição de um episódio em que a mãe (M.) e a criança (R., 1;11.25), conversam enquanto esta brinca com um estábulo de madeira (de uns 30 cm. de altura, com 10 cm de profundidade) que comporta várias miniaturas de animais. O tópico da conversa gira em torno do desejo da criança de dormir dentro do pequeno estábulo.

(8)

R. O vô naná.

M. Cê vai nanar lá dentro?

R. Vvô.

M. Não acredito.

R. Abe aqui? O vô naná u/ a/ acasadoboi.

M. Vai nanar na casa do boi?? Será que ele deixa? Pede pra ele.

R. (dirigindo-se ao boi de madeira) **De / /deixe eu / (xe) nanar / a casadoboi?**

R. El n tem boca.

M. Ele não tem boca?

R. E/ ele num fala.

M. Ele não fala?

R. Num fala.

(...)

M. Será que ele deixa?

R. Deixa.

M. Então vai lá na casa dele nanar, uai.

R. (dirigindo-se ao boi). **De/ deixa eu hm dormir dormi(do) a casa do boi? Deixa?**

R. (dirigindo-se a M.). Ele num tem boca.

R. (numa última tentativa, dirige-se ao boi).

Deixeu naná a casa do b/ / h?/ a casa d / /da? / h?/ naná aqui?

As três figuras abaixo são os espectrogramas, forma de onda, contorno de F⁰ e transcrição fonética das respectivas expressões marcadas em negrito no diálogo em (8).

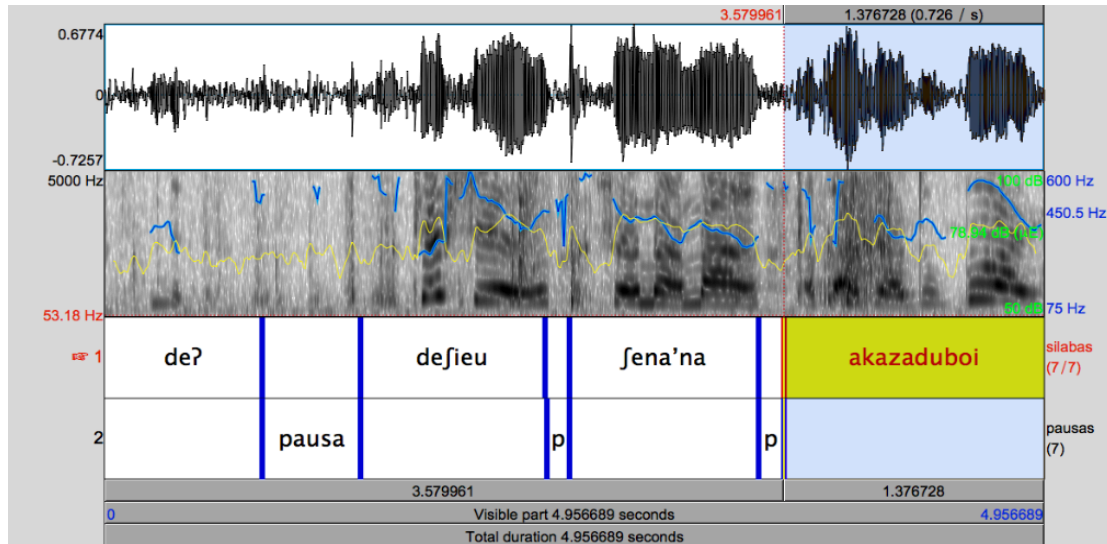


Figura 3. Espectrograma de [de ? /deixe eu / (xe) nanar / a casaduboi?]

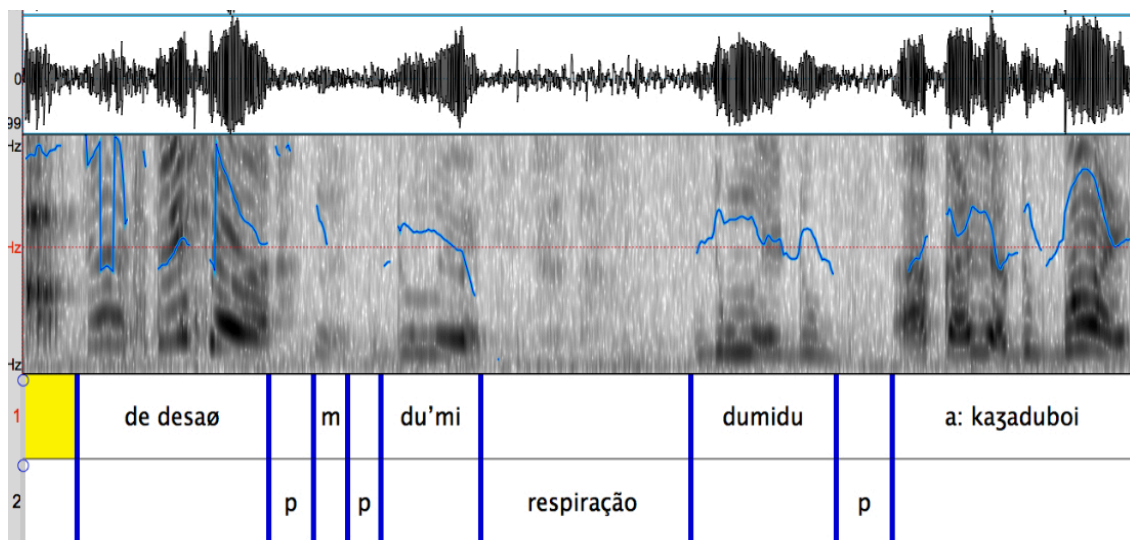


Figura 4. Espectrograma de [de/ deixa eu hm dormi dormi(do) a casa do boi?]



Figura 5. Espectrograma de [deixeu naná a casa do b / / hã? / a casa du / / da? / h/ naná aqui?]

As figuras 1 e 2 mostram que as marcas disfluêntes encontram-se à direita do trecho congelado “a casa do boi”, sendo que em **boi** incide o acento frasal. A figura 3 mostra a tentativa de “descongelar” essa expressão com o corte em “boi”, com a retomada da expressão e com a introdução de pausas e falsos começos e repetições do clítico, porém com pouco sucesso. Para reajustar a harmonia prosódica e seguir a tendência de não hesitar na sílaba nuclear, R. muda de rumo e substitui a expressão por outra “naná aqui”. Suas hesitações não foram inseridas de modo errático, mas obedecendo princípios prosódicos de preservação da sílaba nuclear, **qui**, de **aqui**.

Já neste primeiro momento, podem-se notar que as características gerais das marcas prosódicas da distribuição entre fluência e disfluência estão presentes na fala da criança. Há algumas diferenças entre as hesitações da criança e as do adulto: por exemplo, os movimentos inspiratórios audíveis e as sílabas preenchedoras para as frases fonológicas intermediárias não são reconhecíveis como pertencentes à fala adulta (a não ser em situações muito marcadas). Por exemplo, em

De/ deixa eu hm dormir dormi(**do**) a casa do boi?
[desaõ/ m/dumi/respiração/dumidu/ acazadu'boi],

a sílaba [du] é preenchedora de um lugar prosódico no enunciado e não tem é necessariamente parte da palavra anterior. Para detalhes sobre sílabas preenchedoras, ver Scarpa (1999) e Scarpa (2004).

Características prosódicas das disfluências na fala de R. em 2;11.6.

Quais são as características prosódicas das hesitações na fala desse mesmo sujeito (R.) cerca de 1 ano depois?

Focalizamo-nos no excerto abaixo, acontecido no curso de um longo diálogo entre a mãe, a irmã dois anos mais velha e o sujeito R., e que tem como tópico principal a resolução de um conflito causado pela distribuição de vestimentas das respectivas bonecas das duas irmãs. Trata-se de dividir uma fralda e uma calça plástica entre as duas, já que não havia dois pares desses itens para cada uma.

Eis o diálogo:

(9)

R. Não divide. Eu vou divid(i)esses dois/ não/ não/ não, se

M.m?

R. você dividi a flástica plástica pra ela, eu compu ?ã ?e ?e eu vô c ? uõ ?e:h eu vô vlê essa flalda aqui ?é que sama fástica plástica

Tentativa de glosa:

Não divide. Eu vou dividir esses dois/ não/ não/ não, se você dividir a fástica plástica (calça plástica) pra ela, eu compro ahn/ ê/ ê/ eu vou vler (sic) essa fralda aqui é que chama fástica plástica (calça plástica).

Interpretação da M.:

Dá a caça plástica para a Daniela, que eu chamo essa fralda aqui de “calça plástica”.

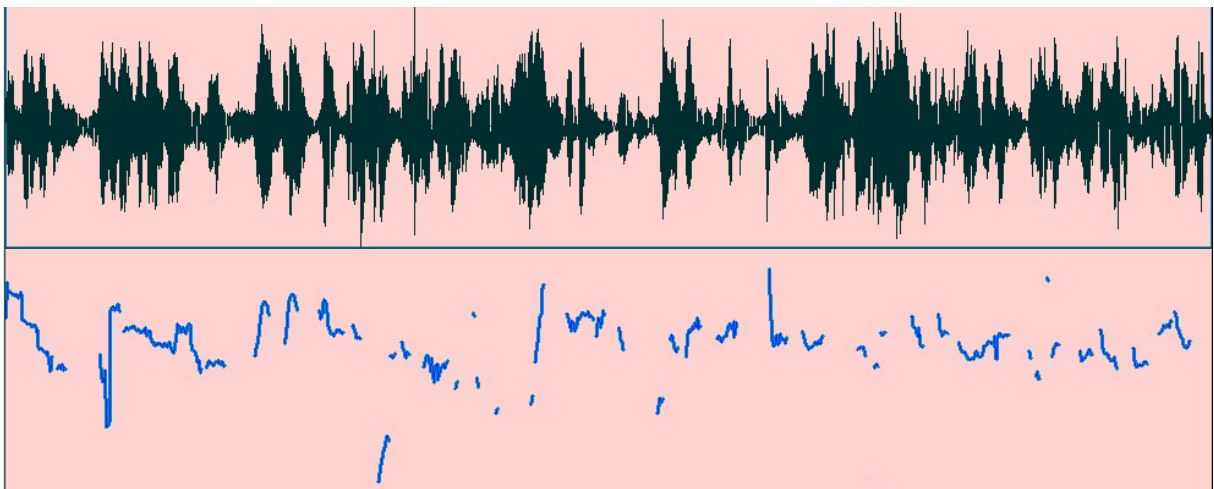


Figura 6. Forma de onda e contorno de F^0 do diálogo (9)

Já o trecho do diálogo representado na figura abaixo (figura 6), extraído de (9) é:

(10)

[eu compu ?ã ?ã ?e ?e eu vô c ? uõ ?e:h eu vô vlê essa flalda aqui ?é que que sama fástica plástica]

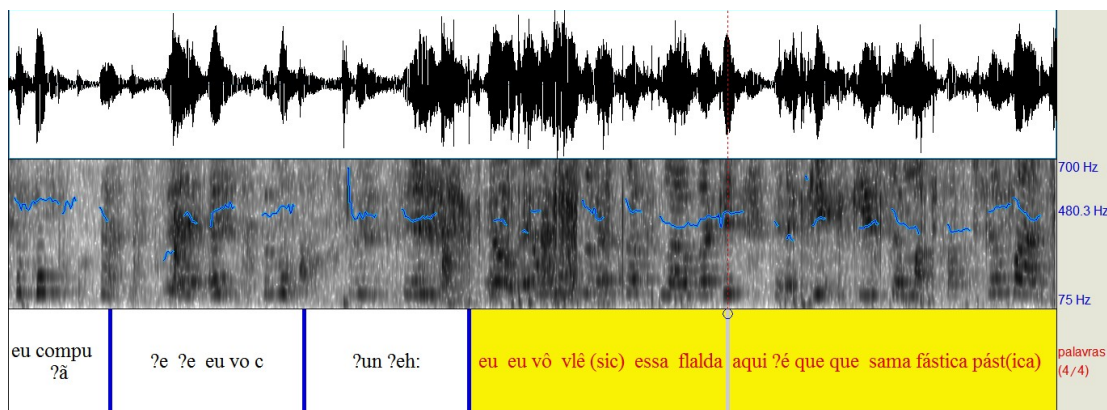


Figura 7. Forma de onda, espectrograma, contorno de F^0 e transcrição de (10)

Alternativamente, a figura 7 é a mesma que a figura 6, só que sem os espectros vocálicos e consonantais visíveis, para melhor visualização.

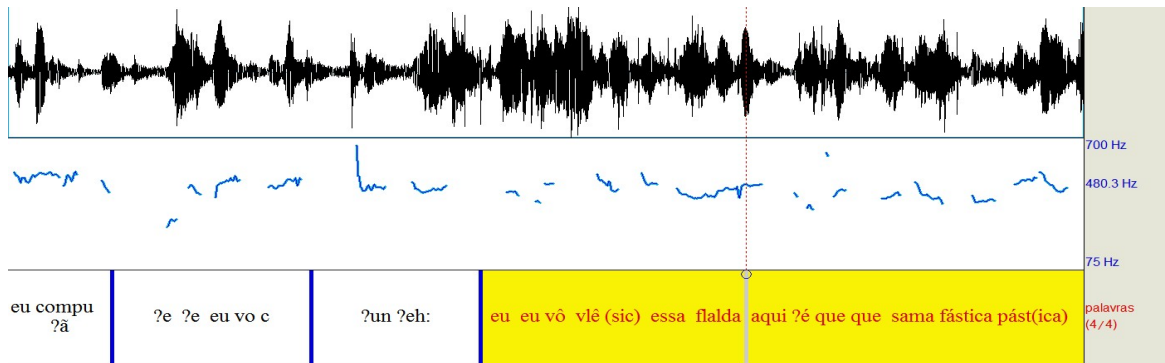


Figura 8. Forma de onda, contorno de F^0 e transcrição de (10)

Como se vê, as hesitações do sujeito R., nesta fala, aproxima-se mais da do sujeito adulto. Trata-se da elaboração razoavelmente sofisticada, de uma argumentação para a resolução de um conflito triádico. Na verdade, o sujeito transforma o argumento prévio da mãe (hoje é domingo; a farmácia está fechada; provisoriamente, uma calça plástica e uma fralda terão que ser dividida entre as duas meninas, para poderem ser usadas como vestimentas para as bonecas) em argumento próprio, com, a solução de chamar a fralda de “calça plástica” (flástica pástica).

Comparando a figura 6, acima, e a figura 8, abaixo, percebem-se semelhanças entre a repetição hesitativa, com falso começo e retomada de $?ã ?ã ?e ?e$ eu vô c ? uõ ?e:h, do sujeito R., e **pa pa: pa ?a** no início do enunciado do adulto. São exatamente as sílabas fracas, emitidas com maior velocidade de fala, “à esquerda” das sílabas portadoras de acento frasal do fim do enunciado, onde a tendência a ocorrência de repetição hesitativa é menor⁵.

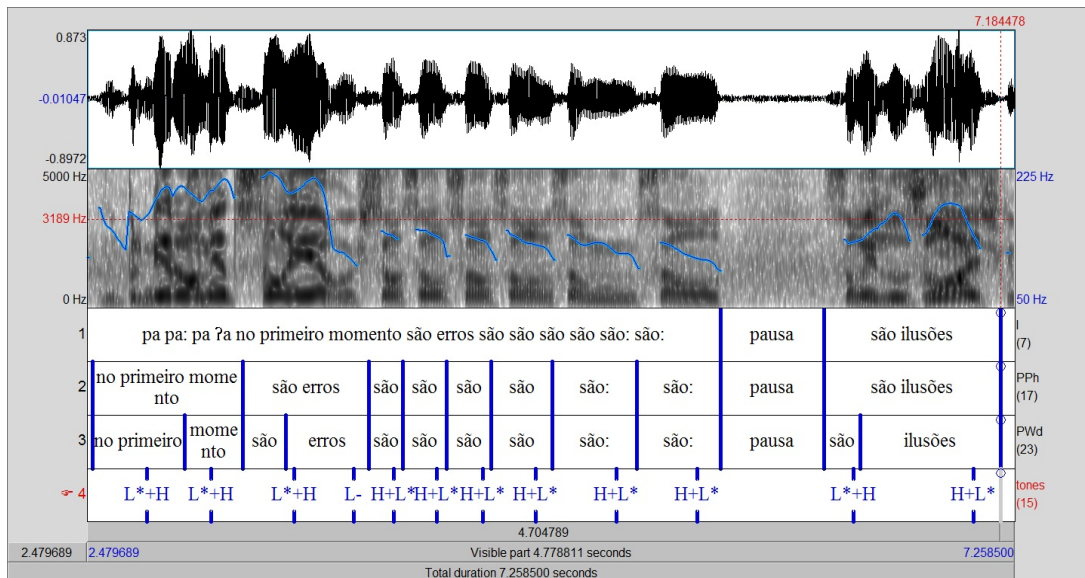


Figura 9. Espectrograma, forma de onda, contorno de F^0 , camadas de fraseamento prosódico e transcrição tonal de [pa pa: pa?a no primeiro momento são erros são são são são são: são: pausa são ilusões] (Scarpa & Fernandes-Svartman, 2012)

⁵ A rigor, nunca encontrei, em dados de disfluência, casos de repetição hesitativa ou falsos começos incidindo sobre as sílabas portadoras de acento frasal.

Retomo, então, a questão colocada no começo desta sessão: seriam as marcas de disfluência da fala da criança traços de gagueira fisiológica, portanto, beirando a patologia⁶, ou são marcas próprias de aquisição de fronteiras de palavras fonológicas dentro da frase entonacional/ enunciado prosódico, isto é, fazem parte da aquisição do ritmo, velocidade de fala, sistemas entonacionais da língua materna, a partir de uma fase em que começa a produzir enunciados mais logos e mais complexos discursivamente? Ao mesmo tempo, não seriam parte do processo normal de aquisição de marcas próprias da oralidade, da dinâmica da fala nos termos de LINDBLOM (1990) e MERLO (2006; 2012)? Minha resposta é que sim, e não me parece que as disfluências da “gagueira infantil” desaparecem sob a pressuposição de que a fala adulta é destituída de disfluências.

4. Conclusões

Dados de criança, na fase chamada de “gagueira fisiológica” mostram que as disfluências hesitativas são melhor explicadas como aquisição do ritmo e dos sistemas entonacionais da língua materna em frases mais longas. Ocorrem com mais frequência nas sílabas átonas do começo do enunciado e não naquelas portadoras de acento nuclear, rítmico e melódico. Trechos congelados, como “a casa do boi”, tendem a manter-se como um bloco, tanto é que não é realizada a reversão pronominal na mudança do discurso indireto para o direto (*deixa eu dormir na sua casa*).

Crianças são sensíveis à diversidade de recursos que a língua disponibiliza para o sujeito hesitar e há, entre eles, “recursos preferenciais [pausa e hesitação] pelos quais as crianças mostram seus momentos de conflito com a complexidade da língua” (Chacon & Villega, 2012, p.93)

Os autores citados, seguindo Scarpa (1995; 2006), concluem que os fragmentos de fala considerados, na pesquisa, como fluentes, são exatamente aqueles que se mostram como congelados para a criança. E que as hesitações na fala infantil mostrariam

[o “descongelamento” de estruturas] ou, em sentido mais amplo, a indagação (da criança) sobre a própria configuração de uma estrutura que é, ela mesma, instável em sua constituição: a língua. (Chacon & Villega, 2012, p.93)

Eu acrescentaria que esses pontos de descongelamento podem se manifestar de modo diferente dos do adulto (por exemplo, a inserção de uma sílaba preenchedora em *dumidu*), mas não são, porém, aleatórios do ponto de vista da distribuição dos domínios prosódicos. Mostram sensibilidade da criança às fronteiras prosódicas ao mesmo tempo em que se revelam nas elaborações mais complexas da produção de enunciados mais longos e da entrada do sujeito nas construções semântico-pragmático-discursivas mais elaboradas do que no primeiro ano de vida. Cheguei a afirmar, em trabalhos anteriores (SCARPA, 2005), que o espaço prosódico aberto pelas modulações vocais do interlocutor na fala dirigida à criança, mostrada por CAVALCANTE (1999) no que é chamado de *manhês* pela autora, é um espaço ótimo para a entrada da criança na língua. A sensibilidade aos domínios prosódicos superiores não seria exatamente uma novidade cognitiva para a criança de 2 a 4 anos de idade.

Atenção especial deve ser dada à “gagueira fisiológica” ou “de desenvolvimento” da literatura fonoaudiológica. Parece-me muito mais um caminho de aquisição das estruturas prosódicas (rítmicas e entonacionais) da criança do que indicações de futura patologia. E que as marcas disfluentes, hesitativas ou não, não são excessivas, descartáveis, resíduos errôneos

⁶ De modo algum estou descartando os casos efetivos de gagueira infantil. Esta consideração, porém, foge do escopo deste artigo.

da fala, nem do adulto, nem da criança. Podem, pelo contrário, fornecer pistas ao sujeito – e ao pesquisador - de interface entre componentes – uma questão cara aos estudiosos do processamento da linguagem. São, segundo ainda VISCARDI (2012), fenômenos inerentes à produção e compreensão da linguagem, não percebidas, pelos participantes do diálogo, como anormalidades da fala. Por que o seriam para os linguistas e fonoaudiólogos? Felizmente, a postura, entre os dois últimos, está mudando nos últimos tempos.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, M.C.B. Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- CHACON, L. & VILLEGA, C. S. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. *Cadernos de estudos linguísticos*, 54 (1), 2012, p. 80-95
- FINN, Patrick & INGHAM, Roger. The selection of "fluent" samples in research on stuttering: conceptual and methodological considerations. In Healey, Ch (org.). *Readings on research in stuttering*. Nova Iorque: Longman Publishing Group, 1991, p. 91-109.
- KOCH, I. G. V. ; SILVA, M. C. P. S. Atividades de Composição do Texto Falado: A Elocução Formal. In M. Basílio. (Org.). *Gramática do Português Falado IV*. Estudos Descritivos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996, p. 379-410.
- LINDBLUM, B. (1990). Phonetic variation and selection. *PERILUS XI*, p. 65-100.
- MARCUSCHI, L. C. A hesitação. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado, VII: Novos estudos*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999, p. 159-194
- MERLO, S. Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais. Campinas, SP. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- MERLO, S. Dinâmica temporal de pausas e hesitações na fala semi-espontânea. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- PÊCHEUX, M. O Discurso. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Editora Pontes (1990)
- SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 29, Campinas, 1995, p. 163-184.
- SCARPA, E. M. . Sons preenchedores e guardadores de lugar. Fatos sintáticos e fatos prosódicos na Aquisição da Linguagem. In: Scarpa, E. M.. (Org.). *Estudos de Prosódia*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1999, v. , p. 253-284.
- SCARPA, E. M. A natureza dos sons preenchedores na Aquisição da Linguagem. In: Albano, E.; Coudry, M.I.; Possenti, S. & Alkmin, T. (Orgs.). *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda., 2004, v. , p. 535-560.
- SCARPA, E.M. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In Lier-de-Vitto, M.F. (Org.). *Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo, Editora da PUC-SP. 2006, p. 161-180.
- SCARPA, E. M. Disfluências e prosódia na fala infantil: primeiros resultados. In: Barros, I; Efken, B; Acioli, M.; Azevedo, N.; Fonte, R.; Caiado, R. ; Cavalcanti, W.. (Org.). *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2014, v. 1, p. 109-120.
- SCARPA, E.M. & FERNANDES-SVARTMAN, F. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 54-1, Campinas, 2012, p. 25-40.
- SCARPA, E.M. & NOVAES- PINTO, R. Contribuições para o estudo da (dis)fluência, *Caderno de Estudos Linguísticos*, 54-1, Campinas, 2012, p. 5-9.
- VISCARDI, J. Repetições hesitativas na fala afásica e não-afásica. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.